

O esplendor da caridade

Artigo que D. Javier Echevarría escreveu por ocasião do aniversário da canonização do Fundador do Opus Dei. Buscar a santidade, explica, não é senão encher os nossos dias de amor pelos outros, iluminar as nossas jornadas com o esplendor da caridade.

22/03/2008

Há cinco anos, no dia 6 de Outubro de 2002, perante uma multidão variada de pessoas procedentes de

vários pontos do mundo, João Paulo II proclamou a santidade de Josemaria Escrivá de Balaguer, o Fundador do Opus Dei. No dia seguinte, na Praça de S. Pedro, em audiência concedida às pessoas que tinham assistido à canonização, definiu S. Josemaria como *o santo do quotidiano*. Nesta expressão, sintetizou o núcleo da mensagem pregada por este sacerdote fiel: as actividades usuais (a vida familiar, a profissão, as relações sociais) são um caminho que conduz ao Céu, se for percorrido com os olhos postos em Deus e com o desejo de ajudar o próximo.

Tive a sorte, que considero um dom de Deus, de, durante um quarto de século, ter sido testemunha directa da solicitude com que S. Josemaria ajudou muitas pessoas a superar a fractura entre a vida de fé e a existência quotidiana. Desde o início do Opus Dei, que foi fundado no dia 2

de Outubro de 1928, ensinou o Fundador que as realidades humanas nobres, na medida em que são queridas por Deus e foram assumidas por Jesus Cristo na Encarnação, podem ser caminho de santidade. “Escondido nas situações mais comuns há um *quê* de santo, de divino, que cada um de vós tem de descobrir» (Homilia *Amar o mundo apaixonadamente*, 8-X-1967). Dizia-o, ora em registo teológico, ora na forma de conselho prático, a mulheres e homens de variados âmbitos profissionais e sociais, em conversas pessoais ou em encontros multitudinários – como na homilia que acabei de citar, proferida diante de vinte mil pessoas no *campus* da Universidade de Navarra.

A fusão da vida de fé com a vida quotidiana é uma questão de amor. Quando o amor a Deus é a causa do agir do cristão, torna-se natural começar, realizar e concluir

qualquer actividade com o pensamento em Deus. A fábrica, o escritório, a biblioteca, o laboratório, a oficina, o espaço doméstico, transformam-se então no cenário do diálogo entre Criador e criatura, entre um Pai que ama loucamente os filhos, e o filho ou a filha que se sabem amados por Deus. Tudo se torna matéria para a oração. Ao mesmo tempo, quando se cultiva um verdadeiro amor ao próximo, sente-se o ímpeto de impregnar as relações familiares, sociais e profissionais, com o bálsamo da caridade.

Esta mensagem tem plena actualidade, e uma singular importância num tempo como o de hoje em que, por um lado, se desconfia das ideologias e, por outro, se experimentam de novo as consequências negativas das acções orientadas pela lógica do interesse ou do poder. A caridade cristã nunca é algo *instrumental*, não pretende

realizar outros objectivos para além de si mesma: o amor é gratuito. Viver a caridade na vida quotidiana, diz S. Josemaria, exige «ter um coração grande, sentir as preocupações dos que estão à nossa volta, saber perdoar e compreender: saber sacrificar-se, com Jesus Cristo, por todas as almas» (*Cristo que passa*, n. 158).

Como recordou Bento XVI na sua primeira encíclica, a caridade constitui a opção fundamental da vida do cristão. No quinto aniversário da canonização de S. Josemaria Escrivá, o meu coração e o meu espírito dirigem-se também para os muitos fiéis e cooperadores da Prelatura do Opus Dei que, ombro a ombro com amigos e colegas, gastam as suas vidas em projectos sociais e assistenciais de profundo sabor cristão, em diversos países dos cinco continentes. Dessa forma, seguem o caminho de

magnanimidade traçado por S. Josemaria, que o levou a encorajar muitas obras de evangelização e de valorização humana em favor dos mais pobres, como lembrou João Paulo II no seu discurso do dia seguinte à canonização. Alguns desses projectos nasceram precisamente para comemorar esse evento eclesial – um estilo de comemoração que teria sido muito apreciado por S. Josemaria; é o caso do centro de cuidados paliativos *Laguna* (em Madrid) ou do projecto de valorização educativa *Harambee*, focalizado na promoção de projectos de carácter social em países da África subsaariana. Cinco anos depois, os frutos desses esforços vão-se ampliando dia após dia, tanto nas pessoas que os promovem, como nas pessoas que deles beneficiam.

Contudo, o apelo à prática da caridade cristã é igualmente premente para aqueles que não se

dedicam intensiva, ou exclusivamente, a actividades de tipo assistencial. A caridade não é uma virtude teórica e, na vida do dia a dia, é inseparável do afecto humano: «Nós não temos – sublinhava S. Josemaria – um coração para amar a Deus e outro para amar as criaturas. Este nosso pobre coração feito de carne ama com um carinho humano que, se estiver unido ao amor de Cristo, também é amor sobrenatural. É essa, e não outra, a caridade que temos de cultivar na alma» (*Amigos de Deus*, n. 229)

Num tempo como o nosso, infelizmente rico em conflitos – seja a nível familiar, nacional ou internacional –, é urgente enfatizar que a prática da caridade na vida quotidiana significa, em grande medida, oferecer e aceitar o perdão. O perdão abre o único caminho possível para se converter um campo de batalha num espaço de

cooperação solidária. O exercício da compreensão, do perdão dado e recebido, pressupõe obviamente um caminho de esforço, em que é necessário recomeçar constantemente, mas também traça um roteiro que é alimento para a esperança. Pelo contrário, na ausência de uma cultura do perdão, torna-se difícil manter a família unida, trabalhar por um objectivo comum na vida de cidadania, semear a paz e a alegria nas relações internacionais.

Além disso, para um cristão, a caridade constitui a linguagem mais adequada para a transmissão da fé. Como ensina Bento XVI, «o amor, na sua pureza e gratuidade, é o melhor testemunho do Deus em que acreditamos» (*Deus Caritas est*, n. 31). A evangelização nunca é uma mera comunicação intelectual. A descoberta das riquezas da fé é, não poucas vezes, precedida por um

encontro pessoal: são muitos os que se aproximam de Jesus Cristo, num contexto de liberdade, quando saboreiam o afecto dos cristãos.

Neste sentido, amar os outros na vida diária, com manifestações concretas, revela-nos um modo de conhecer e de se dar a conhecer. Era por isso que S. Josemaria afirmava que a evangelização é uma tarefa para pessoas com o coração grande e os braços abertos.

O Concílio Vaticano II declarou que um dos mais graves erros do mundo moderno consiste precisamente no divórcio entre a fé e a vida diária (cfr. *Gaudium et spes*, 43). Cinco anos depois da canonização de S.

Josemaria, *o santo do quotidiano*, suplico a Deus que, por sua intercessão, nos ajude, especialmente a nós, os cristãos, a unir na nossa alma o amor a Deus ao afecto pelos nossos irmãos e as nossas irmãs, por todas as mulheres e todos os homens:

que nos consolide no empenhamento
por iluminar cada um dos nossos
dias com o esplendor da caridade.

+ D. Javier Echevarría

Prelado do Opus Dei

Osservatore Romano (6 de
Outubro de 2007)

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/o-esplendor-
da-caridade-2/](https://opusdei.org/pt-pt/article/o-esplendor-da-caridade-2/) (05/02/2026)